



Sabrina Lacerda

Êrica Rosalba Mallmann Duarte

Carmen Maria Tomazelli Lunardi

Introdução

O Estágio Curricular é um momento importante na formação acadêmica, devendo proporcionar ao aluno discussões e esclarecimentos sobre a prática do profissional (SANTOS et al., 2013). Na Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), os dois últimos semestres são o momento em que os acadêmicos realizam os estágios curriculares obrigatórios, tanto na rede hospitalar como na atenção básica.

A partir das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), fundamentadas na Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os cursos da área da saúde passaram por várias alterações, buscando orientar a formação acadêmica. Além dos conteúdos teóricos e práticos, foram incluídos os estágios curriculares supervisionados em hospitais gerais e especializados, ambulatorios, rede básica de serviços de saúde e comunidades (BRASIL. Ministério da Educação, 1996; BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR, 2001).

No caso da Escola de Enfermagem da UFRGS, o projeto político pedagógico do Curso de Enfermagem passou por uma segunda revisão, em 2013, para melhor atender as DCN. As diretrizes enfatizam a inserção dos alunos nos serviços de saúde

e determinam que 20% da carga horária total do curso deve ser desenvolvida em atividades de estágio curricular supervisionado. Neste estágio, o aluno poderá adquirir competências para desenvolver sua prática, quando profissional, de forma integrada e contínua com as instâncias do sistema de saúde, sendo capaz de pensar criticamente, analisar os problemas da sociedade relativos à saúde e procurar soluções para os mesmos. A partir desse pressuposto, a grade curricular do curso teve a ampliação de mais dois estágios curriculares, alocados no oitavo e nono semestre.

O Estágio Curricular II – Serviços de Atenção Básica oportuniza ao aluno a realização de atividades em unidades de saúde no Distrito Glória/Cruzeiro/Cristal (DGCC) da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre (SMS/POA).

Durante minha trajetória profissional como técnica de enfermagem e acadêmica do curso de graduação em enfermagem, sempre na assistência ao paciente crítico, meu contato com a Atenção Básica havia sido somente em práticas assistenciais durante as disciplinas de Saúde Coletiva I e II. Entretanto, no último semestre, tive a oportunidade de experimentar a Atenção Básica no estágio curricular. Neste momento, parei para refletir de que forma a bagagem de conhecimentos e habilidades adquiridos até esse ponto do curso de graduação poderiam se “entrecruzar” com as necessidades e rotinas do serviço. Neste estágio, o aluno é provocado a agir como enfermeiro nos setores em que é realizado, proporcionando-lhe vivências que integram a prática cotidiana do profissional.

Unindo as informações das políticas de saúde a minha experiência profissional, e acreditando na importância social da ideia, o projeto de realizar uma atividade de capacitação sobre urgências e emergências foi tomando forma e se ampliando à medida que conversava com minha professora orientadora de estágio. A ideia estava embasada na Portaria nº 2048/2002 da Política Nacional de Atenção às Urgências, que descreve a responsabilidade das Unidades Básicas de Saúde como unidades de atendimento pré-hospitalar fixo (BRASIL. Ministério da Saúde, 2002), e na Portaria nº 648/2006 da Política Nacional de Atenção

Básica, que estabelece como característica do processo de trabalho dessas equipes a realização de primeiro atendimento às urgências clínicas e odontológicas (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO ESPECIALIZADA, 2006).

Neste contexto, surgiu o Projeto “O que fazer até o SAMU chegar!”. Esta proposta teve como objetivo inicial criar momentos de discussão e reflexão sobre o atendimento às urgências e emergências na Atenção Básica e era direcionada a profissionais da saúde.

O objetivo desta narrativa é descrever a vivência da acadêmica ao elaborar e implementar o projeto na Unidade Básica, seu campo do estágio curricular, que ocorreu no período de 16 de julho a 10 de dezembro de 2013.

O Estágio na Unidade Básica de Saúde 1º de Maio

A Unidade Básica de Saúde (UBS) 1º de Maio localiza-se na Avenida Oscar Pereira nº 6199, bairro Cascata, pertence à Gerência Glória/Cruzeiro/Cristal da Secretaria Municipal de Saúde do município de Porto Alegre. Atende a uma população de 45.135 habitantes, conforme o último censo (IBGE, 2010), e oferece serviços de atenção primária à saúde. Seu horário de funcionamento é das 7h às 18h, de segunda a sexta-feira (PORTO ALEGRE. SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2013).

A equipe é composta por enfermeiros, médicos, cirurgiã dentista, técnicos e auxiliares de enfermagem, técnico de higiene bucal, pessoal administrativo, de portaria e de higienização. A equipe apresenta uma característica peculiar de possuir funcionários com vínculos municipais, estaduais e federais.

Os serviços oferecidos são de nível ambulatorial, como realização de curativos, teste de glicemia capilar, verificação dos sinais vitais, coleta do exame preventivo citopatológico de colo de útero, teste do pezinho, vacinas, consultas médicas com

clínico geral, ginecologista e pediatra, consultas de enfermagem e consulta odontológica. Além disso, também são realizadas visitas domiciliares de acompanhamento de pacientes e distribuição de material de curativos quando necessário e material em processos especiais.

Durante o estágio foi possível vivenciar os programas Pré-Nenê, Pré-crescer e Hiperdia, programas de vigilância em saúde voltados a parcelas específicas da sociedade (PORTO ALEGRE. SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2013). Nesta Unidade funciona também o Programa de Educação pelo Trabalho (PET) Rede Cegonha, com uma enfermeira especialista em saúde da mulher como preceptora.

Uma das estratégias de organização do trabalho na Unidade são as reuniões de equipe, realizadas todas as quintas-feiras, nas quais são discutidos os assuntos pertinentes ao processo de trabalho e comunicações em geral.

Durante o período do estágio, a Unidade Básica iniciou o atendimento com acolhimento, como forma de encaminhamento das demandas da comunidade que a procura, o que proporcionou aos acadêmicos uma situação de intensa experiência.

Como se pode constatar, muitas são as habilidades que um acadêmico de enfermagem pode aprimorar neste campo, mas, entre as diversas atividades realizadas no período de estágio, escolhi aprofundar, neste relato, o desenvolvimento do projeto “O que fazer até o SAMU chegar!”.

O Projeto “O que fazer até o SAMU chegar!”

Ao apresentar a ideia do projeto “O que fazer até o SAMU chegar!” para a coordenadora da UBS, além de este ser bem aceito por ela, houve uma solicitação para ampliar o público alvo para incluir a comunidade da Unidade. Feliz e desafiada, pensei

em começar a movimentar a comunidade para torná-los atores da sua própria história (como a literatura diz), e que o cuidado individual e coletivo não fosse um fato isolado, mas parte da vida dessas pessoas.

O projeto foi bem aceito quando apresentado na reunião de equipe e aos usuários na reunião do Conselho Local de Saúde. Importante relatar que a equipe de enfermagem me auxiliou na apresentação na reunião mensal do Conselho Local de Saúde. Ao receber o aval de todos, iniciei as atividades.

A principal atividade do estágio curricular, então, foi a execução do projeto. Com a ampliação do público alvo, as ações do projeto iriam além dos horários e dos turnos do estágio. Optei, neste momento, em torná-lo uma atividade de extensão universitária, sob o número 24506. O projeto de extensão foi realizado, então, de julho a dezembro, atendendo um público de 483 pessoas (entre crianças e adultos), os quais receberam orientações sobre prevenção de acidentes e/ou como proceder durante as emergências clínicas mais comuns. Além disso, foi realizada uma simulação de atendimento em caso de incêndio numa escola de ensino fundamental.

Os Desafios

A apresentação do projeto às lideranças comunitárias e a pactuação foram realizadas durante a reunião mensal do Conselho Local de Saúde da UBS 1º de Maio. Os representantes sugeriram os locais de maior necessidade para a realização das oficinas de primeiros-socorros. Para o reconhecimento da área de abrangência da Unidade de Saúde (territorialização), realizado por mim para conhecer o ambiente e fazer novos contatos, fui acompanhada sempre por funcionários da Unidade Básica e por representantes sociais da localidade, que se empenharam para que o projeto fosse realizado.

O objetivo principal do projeto “O que fazer até o SAMU chegar!” foi capacitar os profissionais de saúde da Atenção Básica para identificar e atender situações de urgência e emergência. Os objetivos secundários foram: capacitar os profissionais das escolas para identificar e atender situações de urgência e emergência; instruir educandos para identificar e atender situações de urgência e emergência; e preparar a equipe para reconhecer e prestar os primeiros atendimentos nas situações de urgência e emergência até a chegada do Serviço Atendimento Móvel de Urgência, utilizando protocolos e recursos disponíveis na unidade, com vistas a prevenir falhas evitáveis e diminuir a morbi-mortalidade relacionada a estas situações.

O público alvo foram os profissionais de saúde da UBS 1º de Maio, alunos e professores de escolas da área de abrangência da Unidade e a comunidade em geral. O projeto desdobrou-se em quatro eixos: educação permanente, educação na escola, simulação de situações de agravos e oficinas de primeiros socorros.

Operacionalização

As atividades realizadas na UBS no eixo educação permanente foram temas escolhidos em grupo durante as reuniões de enfermagem. Entretanto, numa reunião geral de equipe, um médico pediu que, no encontro do mês seguinte, fosse discutido o atendimento ao paciente com acidente vascular cerebral (AVC) e o funcionamento do protocolo do Ministério da Saúde (BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE ATENÇÃO À SAÚDE. DEPARTAMENTO DE ATENÇÃO ESPECIALIZADA, 2013), sendo que as oficinas foram ampliadas para toda equipe.

Foram realizadas oficinas de primeiros socorros com os educadores em três escolas de educação infantil, em duas escolas estaduais, com os professores das séries iniciais, em uma das escolas de ensino fundamental e médio, e uma só de ensino

fundamental. Realizou-se uma simulação de situação de agravo numa das escolas, que atendia somente séries iniciais. A ideia do simulado foi a de pensar a prevenção de incêndios e surgiu a partir da fala da diretora durante as oficinas de primeiros socorros nesta escola, em que esta disse: *“se a escola pegar fogo, pego minha bolsa, saio correndo e ainda grito... salvem as crianças! Pois não sei o que fazer!”*.

A simulação foi realizada no dia 4 de outubro, às 9h, e contando com a ajuda de 22 acadêmicos de enfermagem, que atuaram como coadjuvantes, para proporcionar a segurança das crianças na atividade. Para a realização da simulação, foi acionada a presença de serviços de emergência do município. Cabe ressaltar a participação dos pais e responsáveis durante o preparo do simulado, que estimulavam a realização do “evento”, como era chamado por eles.

As oficinas de primeiros socorros na comunidade se deram depois da divulgação na área e foram realizadas em local indicado pelos líderes comunitários. As oficinas foram realizadas aos sábados e contaram com a presença de 20 pessoas. Entretanto, teve uma peculiaridade neste grupo, pois não foi possível passar a lista de presença nem registrar o evento em fotos. Foi necessário preservar a identidade de um dos participantes, que queria muito aprender a identificar essas situações que faziam parte do seu cotidiano.

Considerações Finais

O projeto representou a realização de um sonho pessoal, sendo seu desenvolvimento possível graças ao apoio de diferentes pessoas e setores sociais.

A oportunidade de propor e gerenciar uma ação inovadora à comunidade, durante o estágio curricular e após, por meio da atividade de extensão, foi um desafio tanto para mim quanto para minha professora orientadora e minha enfermeira supervisora,

sendo ambas essenciais na minha reta final como acadêmica de enfermagem. Essenciais porque, com elas, consegui identificar que ser enfermeira perpassa o cuidar em situação de doenças, mas que todos nós, profissionais de saúde, temos, sim, um compromisso com os seres humanos, que é mostrar que todos somos autores de nossa própria história.

Conseguí ver, na prática, que a coresponsabilização é feita por usuários do sistema e por profissionais, implicados em mudar pequenas situações que podem interferir no seu bem-estar diário.

Falar sobre as situações de emergência foi o estopim para uma reflexão da comunidade e dos profissionais sobre o cuidado individual e coletivo, educação no ambiente de trabalho e o papel de cada indivíduo nesse contexto. E mais, o trabalho lado a lado da universidade/Unidade Básica de Saúde/usuários possibilitou-me extrapolar a teoria e colorir com a prática, colocando-me frente a frente com a importância do controle social neste cenário de saúde.

As escolas se mostraram um grande universo, com diferentes oportunidades de se trabalhar em questões de saúde. Trabalhar junto de crianças e professores foi uma experiência que me deixou com muita vontade de, cada vez mais, ter a escola como um local produtor de saúde, bem no sentido ampliado como direciona a Organização Mundial de Saúde.

Dentre as diversas ferramentas de trabalho do enfermeiro, acredito que os processos educativos são muito importantes, pois por meio deles conseguimos, de alguma forma, afetar e sermos afetados (CECCIM; FERLA, 2009) no momento de produção de saúde.

Realizar o estágio curricular na UBS 1º de Maio, ao lado de uma equipe tão acolhedora às ideias novas, de orientadora tão dedicada e de supervisora incentivadora de sonhos, foi uma experiência que só me proporcionou mais vontade de ser enfermeira promotora de saúde. E, depois desse estágio, descobri que não quero só *transitar* pela Atenção Básica, mas *ficar atuando* nesse nível de atenção à saúde.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>> Acesso em: 01 jun. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES Nº 3, de 7 de novembro de 2001**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília: Ministério da Educação, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria GM/MS nº 2048, de 5 de novembro de 2002**. Dispõe sobre o Regulamento Técnico dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: <http://www.saude.mg.gov.br/atos_normativos/legislacao-sanitaria/estabelecimentos-de-saude/urgencia-e-emergencia/portaria_2048_B.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada. **Manual de rotinas para atenção ao AVC**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

_____. **Portaria Nº 648/GM, de 28 de março de 2006**. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes e normas para a organização da Atenção Básica para o Programa Saúde da Família (PSF) e o Programa Agentes Comunitários de Saúde (PACS). Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em: <<http://dtr2001.saude.gov.br/sas/PORTARIAS/Port2006/GM/GM-648.htm>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

CECCIM, R. B.; FERLA, A. A. Educação e saúde: ensino e cidadania como travessia de fronteiras. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro,

v. 6, n. 3, p. 443-456, nov. 2008/fev. 2009. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/>>. Acesso em: 01 out. 2014.

IBGE. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

PORTO ALEGRE. Secretaria Municipal de Saúde. [Site] Porto Alegre: 2013. Disponível em: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sms/default.php?p_secao=853>. Acesso em: 01 jun. 2013.

SANTOS, E. M. et al. A importância do estágio curricular na formação profissional do assistente social. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, Aracaju, v.1, n. 3, p. 51-60, jun. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/humanas/article/view/772/448>>. Acesso em: 01 out. 2014.



CONSULTA DE ENFERMAGEM NA
ATENÇÃO BÁSICA: impressão dos
enfermeiros

Denise Tolfo Silveira

Janilce Dorneles de Quadros

Introdução

A Lei do exercício profissional nº 7498, de 25 de junho de 1986, artigo 11, inciso I, alínea “I” (CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM, 1993), legitima o enfermeiro para o pleno exercício da consulta de enfermagem (CE) com o indivíduo, seja no âmbito hospitalar, ambulatorial, domiciliar ou em consultório particular, sendo competência exclusiva do enfermeiro (MACHADO; LEITÃO; HOLANDA, 2005).

Um dos cenários de maior atuação do enfermeiro, em que a realização da CE é de extrema importância, se dá na atenção básica, sendo na atenção primária onde ocorre um conjunto de ações que visam à promoção da saúde, à prevenção de agravos, ao tratamento e reabilitação nos âmbitos individual e coletivo. A importância da compreensão da realização da CE na atenção básica se deve ao fato deste serviço ser o primeiro contato do usuário com o sistema de saúde.

Portanto, com base nas relevâncias já levantadas acerca da CE, se faz necessária a compreensão de sua atual situação no contexto da atenção básica em relação às dificuldades, competências e entendimentos acerca da prática da CE.

O presente estudo objetivou descrever as principais etapas envolvidas no planejamento/execução da CE adotadas pelos enfermeiros da atenção básica na realização da consulta de saúde da mulher e demonstrar o grau de importância atribuído pelos enfermeiros à realização da CE.